

psi

# TECNOLOGIA QUE liberta

ESPECIALISTA BRASILEIRO COMANDA TRABALHO DE CRIAÇÃO DO SISTEMA QUE SUPORTA A PRIMEIRA ELEIÇÃO DO TIMOR LESTE

THAIS ALINE CERIONI |



Preparativos para viagem pelo país



Chefes do suco



Paulo Siqueira e o primeiro ministro Mari Alkatiri

**D**epois de mais de 24 anos sob o domínio violento da Indonésia, em agosto de 1999, graças a um plebiscito organizado pela ONU (Organização das Nações Unidas), o Timor Leste conseguiu condições para tornar sua independência realidade. Declarada em 1975 – quando da retirada da administração portuguesa da ilha –, a independência só foi confirmada em 2002, quando a ONU realizou as primeiras eleições presidenciais do país. Agora, a nação mais jovem do mundo está realizando as primeiras eleições regionais de sua história. E a experiência tecnológica para a criação do sistema eleitoral foi levada por um brasileiro.

Para aqueles que são profissionais da área de tec-

nologia, acostumados a falar e ouvir sobre aplicativos e equipamentos como coisas corriqueiras, chega a ser difícil imaginar o cenário encontrado por Paulo Siqueira ao chegar no Timor Leste, em junho de 2003, como consultor de TI da ONU para trabalhar junto ao governo daquele país. "A infra-estrutura tecnológica era praticamente zero. Energia lá só é conseguida com gerador", conta Siqueira.

O executivo, que tem mais de 20 anos de experiência no setor, tendo trabalhado principalmente no segmento financeiro, foi convidado pela ONU para ir ao Timor em 2003. Sua missão era administrar o ambiente tecnológico que a instituição havia acabado de entregar ao governo do país. "Era um datacenter que dava suporte



Galpão onde foi instalado a infra-estrutura e realizado o processo

a internet, intranet e controle de veículos", relembra. Depois de algum tempo nessa atividade, Siqueira deixou a ONU para tornar-se consultor da ONG norte-americana IFES (International Foundation for Election Systems) e, assim, envolveu-se no projeto de preparação das primeiras eleições regionais do Timor Leste. "Cheguei à IFES por meio de um outro consultor brasileiro envolvido no projeto, mas que teve de voltar ao Brasil por causa das eleições aqui", explica.

A equipe do órgão responsável pelas eleições contava com oito timorenses e um norte-americano, consultor da ONU, e a infra-estrutura de trabalho era praticamente nenhuma. "Iniciamente, viajei por todo o país para